

MILENA MAÇOS DAS NEVES

DESVENDANDO A HEGEMONIA DO INGLÊS :  
Uma releitura pela Educação Libertadora

Rio de Janeiro  
2004

Milena Maços das Neves

DESVENDANDO A HEGEMONIA DO INGLÊS :  
Uma releitura pela Educação Libertadora

Trabalho de Conclusão de curso  
apresentado ao curso de Pedagogia  
do Centro de Ciências Humanas da  
UNIRIO, como requisito para a  
obtenção do grau de licenciatura,  
orientada pela professora  
Antônia Pincano

Rio de Janeiro  
2004

## DEDICATÓRIA

Ao meu filho pela força, amor e carinho;

Aos meus pais pelo apoio, por acreditarem nos meus sonhos e por desejarem o melhor para mim;

Ao meu avô Fernando cuja história de luta por liberdade e igualdade social me inspira a buscar novos caminhos para um Estado-Nação mais justo com seus cidadãos e uma sociedade mais consciente e menos desigual;

Ao meu avô João (In memoriam) que serve como exemplo de homem honesto e trabalhador;

Vovô, espero que o senhor se orgulhe e abençoe minha família e minha caminhada.

## AGRADECIMENTOS

A Deus por eliminar todos os meus passos;

Ao meu filho que um dia entenderá os motivos de minha ausência nos finais de semana;

A todos os meus amigos e familiares que me ajudaram nesta trajetória;

A minha orientadora que me ajudou a perceber a importância da teoria para as práticas educativas;

Aos autores que me auxiliaram a refletir sobre meu objeto de estudo, que possibilitaram meus estudos e a discussão com os textos e ampliaram meu embasamento teórico;

E a todos que agüentaram o meu mau humor e a minha inconstância, minhas fragilidades e incertezas;

Muito obrigada por tornarem este trabalho possível.

## EPÍGRAFE

A língua é a mais viva expressão da nacionalidade. Como havemos de querer que respeitem a nossa nacionalidade, se somos os primeiros a descuidar daquilo que a exprime e representa o idioma pátrio?

Napoleão Mendes de Almeida,  
gramático

## RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo relatar o resultado de um estudo sobre a questão da disseminação da língua inglesa nas propostas educacionais brasileiras, especificamente, no ensino fundamental e médio. Para tal, foi realizada uma pesquisa bibliográfica fundamentada em autores como Bourdieu, Canclini, Chomsky, Freire, Foucault, Pennycook, que, entre outros autores, ajudam a compreender o fenômeno da hegemonia americana e a importância da educação crítica como instrumento de valorização da cultura – e da língua – nacional. Estas referências teóricas sustentaram a hipótese de um “culto” à cultura norte-americana em detrimento da cultura brasileira. Por intermédio dos referenciais teóricos escolhidos, foi possível traçar caminhos alternativos que possibilitem o ensino do inglês, de forma libertadora, onde o ser humano tenha a possibilidade de conhecer novas culturas sem permitir que elementos alienantes interfiram em sua atuação na sociedade como cidadão/ã plenos.

## SUMÁRIO

I – INTRODUÇÃO .....	8
II – NOTAS HISTÓRICAS SOBRE A LÍNGUA INGLESA .....	11
III – DESVENDANDO A HEGEMONIA AMERICANA NO BRASIL.....	23
IV - LÍNGUA DO POVO OU PARA O POVO BRASILEIRO?.....	31
V - CONSIDERAÇÕES SOBRE A LEGISLAÇÃO DOS DIREITOS LINGÜÍSTICOS .....	45
VI – CONCLUSÃO .....	56
VII – REFERÊNCIA BIBLIOGRAFICA .....	59

## I – INTRODUÇÃO

Vários países do mundo sofreram com a colonização predatória e com a imposição de uma nova cultura – totalmente diferente da existente. Como consequência disto temos a perda dos valores locais, o escamoteamento de hábitos e costumes para a sobrevivência do mais fraco.

O Brasil sofreu muito com o processo de colonização que lhe foi imposto. A colonização predatória teve como consequência a perda dos valores locais devido ao embuste da implantação de civilização.

Esse período de colonização predatória passa por três momentos que Memmi (apud Paiva, 1996, p.33) explica da seguinte forma: “a) revelação das diferenças entre os colonizados e os colonizadores; b) valorização dessas diferenças a favor dos colonizadores; c) maximização de tais diferenças, tornando-as verdades eternas”.

Como a tomada de decisões era restrita aos colonizadores tornou-se mais fácil o reforço das características que diminuíssem os valores dos nativos das regiões colonizadas. O objetivo era o de abafar as diferenças, culturais, lingüísticas (aniquilar física e culturalmente os nativos), exceto aquelas que alimentavam a conformidade com a ordem que se estabelecia. Desta forma o povo se tornava submisso aceitando a dominação sem muitas lutas e questionamentos que “prejudicassem” os invasores.

Desse reforço negativo surgiu o estereótipo dos colonizadores vistos como capazes, eficientes, frios, calculistas e gananciosos e dos colonizados considerados preguiçosos, desonestos, ineficientes. No caso do Brasil sensuais, abertos, afetivos e solidários.

Essas diferenças inalteráveis entre nações superiores e inferiores permeiam todas as relações que buscam a dominação e essa situação, ainda hoje, não se diferencia em quase nada do atual jogo que compõe a nossa identidade cultural e a imagem que temos dos povos desenvolvidos.

Mesmo com a independência, países como o Brasil (antigas colônias de exploração) optaram por buscar o progresso do mundo desenvolvido através da mesma estrutura que seus antigos dominantes utilizavam, tornando-se assim, reflexos distorcidos da antiga metrópole.

Ao imitar a estrutura sócio econômica, o Brasil – entre outros países<sup>1</sup> –, optou por ignorar a grande diferença econômica e educacional de seu povo. Assim, podemos perceber que enquanto a elite brasileira enriquece e se beneficia com o intercâmbio com os países mais desenvolvidos; a massa da população sofre com o aumento da desigualdade social, da dívida externa e da dependência ocasionada pela dificuldade econômica e pela falta de uma administração séria que proteja nossa estrutura interna. Essa nova estrutura de subordinação onde países independentes mantêm-se atrelados a países que normatizam em benefício próprio – o neo-imperialismo. Tudo neste império pode ser transformado em mercadoria – tanto os bens materiais como os simbólicos. O que está em jogo é a habilitação para novos padrões de consumo

Com a expansão do imperialismo, através de estratégias ideológicas, percebe-se no Brasil a desvalorização da cultura, a desfragmentação do Estado-Nação e a substituição de nossa identidade cultural por uma cópia americana mal feita. Pode-se afirmar, sem inseguranças, que o Estado norte-americano, para além das armas, tem liderança reconhecida, e as imagens produzidas pela mídia apresentam-no como defensor dos interesses de outras nações. Há nesse sentido um fluxo de comunicação que dinamiza e fortalece as convicções ideológicas da hegemonia norte-americana, impondo propostas culturais que interessam a sua política de Estado.

---

<sup>1</sup> A Europa conta entre seus cidadãos cerca de 3 milhões de desabrigados, vinte milhões de expulsos do mercado de trabalho, trinta milhões que vivem abaixo da linha da pobreza (Bauman, 1998: 34)

Como o ensino de línguas se relaciona com o conhecimento cultural de outros países irei defender neste estudo uma proposta crítica no ensino da segunda língua – especificamente do inglês – para que possa proporcionar ao estudante situações em que ele reflita sobre seu papel político, social e histórico, possibilitando que o ensino da língua seja um apoio para a formação de contra-discursos, sobre a dominação ideológica através do status da língua americana e da indústria cultural.

Tendo como objetivo principal o estudo da hegemonia da língua inglesa no Brasil e a formação de pensamentos contra-hegemônicos, apresentarei a seguir um estudo bibliográfico que aborda as políticas americanas para a expansão de seus domínios culturais, aspectos das propostas curriculares brasileiras sobre o ensino da segunda língua e elementos da proposta crítica libertadora para o ensino da língua inglesa.

## II – NOTAS HISTÓRICAS SOBRE A LÍNGUA INGLESA

### O NASCIMENTO DA LÍNGUA INGLESA

É imprescindível que eu fale inglês. E já comecei a montar meu vocabulário. Verbo *on* – liga; verbo *off* – desliga. O inglês é *english* e é uma língua anglo-saxônica. Eu quero falar inglês, ou melhor, *english* e ter uma alma anglo-saxônica. Porque alma é assim, vem com o tempo, com os hábitos da gente. Mas eu tenho esse mau hábito: eu falo português. E o português – eu sei – veio do latim, é neo latino. E quem é neo é o que? Não é nada. Neo é que nem o júnior. Apêndice. E apêndice supura, tem que operar, arrancar fora, não serve para coisa nenhuma. Inglês serve. (Cardoso, C. 2003)

O inglês é uma língua germânica da família Indo-Européia – línguas com antepassados comuns. A história da formação desta língua pode começar a ser contada a partir da chegada de três tribos germânicas nas ilhas britânicas – os ângulos, saxões e justos. Durante poucos séculos o inglês se constituiu em quatro dialetos diferentes: Northumbrian em Northumbria, norte do Humber, Mercian no reino de Mercia; Saxão Ocidental no reino de Wessex e Kentish em Kent.

Durante os séculos VII e VIII, a cultura e a língua de Northumbria havia dominado a Grã Bretanha. As invasões de Viquingues do século IX trouxeram a destruição de Mercia. Somente Wessex remanesceu como um reino independente. Pelo século X, o dialeto Saxão Ocidental transformou-se na língua oficial da Grã Bretanha. O inglês antigo é datado principalmente neste período. Escreveu-se um alfabeto derivado das línguas escandinavas e o alfabeto em latim foi trazido por missionários cristãos. Deste alfabeto remanesceu o sistema da escrita do inglês.

Neste período, o vocabulário do inglês antigo consistia em uma base de Anglo-Saxônica com palavras das línguas escandinavas ( dinamarquês por exemplo ) e do latim.. Do latim temos alguma palavras inglesas como: rua, cozinha, chaleira, copo, queijo, vinho, anjo. Dos Viquingues (escandinavos) foram adicionadas muitas palavras como por exemplo; céu, ovo, bolo, pele, pé, raiva, liso, feia. As palavras celtas<sup>2</sup>

<sup>2</sup> Os celtas se originaram presumivelmente de populações que já habitavam a Europa na Idade do Bronze. Durante cerca de 8 séculos, de 700 a.C. a 100 A.D., o povo celta habitou as regiões hoje

sobreviveram também principalmente em nomes de lugares e rios como: Devon, Dôvar, Kent, Trent, Severn, Avon, Tamisa.

Em 1066 os normandos, habitantes da Normandia (França), conquistaram as Ilhas Britânicas. O francês transformou-se na língua da aristocracia normanda adicionando-se mais palavras ao vocabulário inglês. O francês influenciou as palavras que se referem a carne e seus derivados – carne, vitela, carne de carneiro, carne de porco, bacon - modificou também a formação dos plurais adicionando um s ao final da maioria das palavras.

O inglês médio surgiu quando Henrique IV transformou-se no primeiro rei da Inglaterra, em 1399. O dialeto de Londres passou a ser utilizado como o dialeto padrão. O inglês moderno é uma derivação natural do inglês médio e, como todas as línguas, ainda está mudando.

As línguas que <sup>?</sup>contribuíram palavras ao inglês incluem latim, grego, francês, alemão, árabe, indu (da Índia), italiano, malaio, irlandês, as línguas do Irã e do Afeganistão (afegane, aramaico, azerbaijano, balúchi, persa), Sânscrito (da Índia antiga), português, espanhol, tupi (da América sul), algumas línguas da África. Muitas palavras dessas línguas foram incorporadas direta ou indiretamente por causa do contato que os ingleses tiveram com muitos povos em torno do mundo.

O inglês é considerado o maior vocabulário de todas as línguas. Mesmo com todos os empréstimos de outras línguas aproximadamente, 5000 palavras do período anglo-saxão, permanecem imutáveis.

Nos dias de hoje, esta é a segunda língua mais falada no mundo. Estima-se que há aproximadamente 300 milhões de falantes nativos e 300 milhões que utilizam o inglês como uma segunda língua e uns 100 milhões que o utilizam como língua

---

conhecidas como Espanha, França, Alemanha e Inglaterra. O celta chegou a ser o principal grupo de línguas na Europa, antes de acabarem os povos celtas, quase que totalmente assimilados pelo Império Romano. (SCHUTZ, 2004)

57  
 estrangeira. Ele é a língua da ciência, da aviação, da computação, da diplomacia, e do turismo.

O inglês é listado como a língua oficial ou co-oficial em aproximadamente 45 países<sup>3</sup> sem incluir uns 30 países onde esta língua não tem um status oficial mais é muito utilizada. Nesta medida, o inglês tem uma abrangência que não pode ser comparada aos 27 países que falam francês, aos 20 que falam espanhol e aos 17 que falam árabe. Esta soberania da língua inglesa vem ocorrendo devido ao seu histórico de dominação. O inglês vem se transformando ao longo dos séculos como uma língua internacional não oficial do mundo. O mandarim (chinês) é falado por mais povos, mas o inglês é agora a língua mais difundida do mundo.

## A LÍNGUA INGLESA NO BRASIL

...Mas o problema é que hoje nada tem que ser. Essa coisa de ser já era. É só parecer que já serve. E o inglês é perfeito para isso. o inglês parece. Se eu falo inglês, parece que eu sou rico, parece que eu sou importante, parece que eu nem sou brasileiro, parece que eu sou, no mínimo, gringo. E ser gringo mesmo que a gente não saiba direito de onde ele é, é muito melhor que ser brasileiro. *Brazilian?* Pois sim! ...Com o inglês você pode ser gringo no mundo inteiro e todo mundo te entende e te respeita. Senão, já viu, né? (César Cardoso, 2003)

---

<sup>3</sup> O inglês desempenha função de forma oficial da vida cultural, política ou econômica dos seguintes países. África sul (com afrikaan, Xhosa e Zulu) Antígua, Austrália, Bahamas, Barbados, Belize, Bermudas, Botsuana, Brunei (com Malaio), Camerões (com francês), Canadá (com francês), Dominica, Estados Unidos e seus dependentes, Fiji, Filipinas (com Tagalog) Gâmbia, Gana, Granada, Guiana, Índia (com diversas línguas indianas), Ilha de Santa Lúcia, ilhas Seychelles (com francês), Irlanda (com gaélico irlandês), Jamaica, Kiribati, Lesoto (com Sotho), Libéria, Malavi (com Chewa), Malta (com maltês), Mauríciú Namíbia (com afrikaan), Nauru (com Nauruan), Nova Zelândia, Nigéria, Paquistão (com Urdu), Papua-Nova Guiné, Porto Rico (com espanhol), Quênia (com Swahili), Reino Unido e seus dependentes, Samoa Ocidental (com Samoano), São Cristóvão e Nevis, São Vicente, Senegal (com francês), Serra Leoa, Singapura (com Malaio, mandarim e Tamil), Suazilândia (com Swazi), Suriname (com holandês), Tanzânia (com Swahili), Tonga (com Tongan), Timor Leste (com Tetum/Português) Trinidad e Tobago, Tuvalu, Uganda, Vanuatu (com francês), Zâmbia, Zimbábue.

A língua inglesa é um modismo mundial no qual muitos países promovem o ensino deste idioma com o interesse nos acessos à tecnologia, ao comércio e turismo internacional incluindo também à ajuda econômica e militar.

Este ensino como aquisição da segunda língua implica em alterações sociais e políticas para o país. O inglês passou a fazer parte do cotidiano brasileiro; ele está presente na mídia, no comércio, nos meios de comunicação, nos produtos, nos nomes das pessoas e das casas comerciais.

No Brasil, grande parte da população acredita que o aumento do "anglicismo" revela a erudição do povo ao invés da crescente dominação econômica, política, social e cultural. A adesão a uma nova língua em detrimento de nossa língua materna só representa a falta de consciência crítica e a atitude colonizada do brasileiro. Saber falar inglês representa prestígio e/ou símbolo da alavanca social. Usar vestimentas com palavras escritas em inglês, utilizar imagens produzidas pela mídia, pode significar sofisticação. Assistir aos filmes americanos caracteriza que o sujeito está atualizado com a "cultura do mundo". A propósito recorreremos aqui a Jameson F. que nos oferece a reflexão a seguir:

Os Estados Unidos fizeram um enorme esforço, desde o fim da Segunda Guerra Mundial, para assegurar a dominação de seus filmes em mercados estrangeiros – isso foi conseguido, por via política, através da inclusão de cláusulas específicas em tratados e pacotes de ajuda econômica. Na maioria dos países europeus – e a França se destaca por sua resistência a essa forma particular de imperialismo cultural – as indústrias cinematográficas nacionais foram forçadas a se colocar na defensiva, por contratos obrigatórios. As tentativas sistemáticas dos Estados Unidos de derrotar as "políticas protecionistas" são apenas parte de uma estratégia mais geral e cada vez mais globalizante das corporações localizadas na OMC..., de sobrepujar as leis locais de copyright de propriedade intelectual, patentes (de, por exemplo, materiais de florestas nativas ou das invenções locais), ou com estratégias para abalar a auto-suficiência nacional em alimentos (Jameson F., 2001: 25)

Sabendo desta relação de extrema dependência do Brasil e de outros países subservientes, os Estados Unidos criou organismos no intuito de divulgar seu idioma e cultura sob o falso pretexto de ajudar os países em desenvolvimento. São eles: USAID – Agência de Americana para desenvolvimento Internacional – criada em 1961; USIA –

Agência Americana de Informação – criada em 1953 extinta em outubro de 1999; AID – Associação Internacional de desenvolvimento – Instituição do Banco Mundial cuja missão é a redução da pobreza.

Dentro deste contexto, o inglês (principalmente o americano) passou a ser visto como a língua do poder, do progresso e do status que intervém na cultura nacional de forma aculturadora. Tal expansão lingüística só poderia se igualar ao domínio cultural greco-romano.

A disseminação do inglês pelo mundo é avaliada de duas formas diferentes. De um lado a língua inglesa é vista para propósitos de comunicação internacional. Desta forma pode-se dizer que os defensores desta via enxergam o inglês como uma língua do mundo com neutralidade ideológica. Do outro lado, educadores críticos se preocupam com o grande imperialismo cultural que só contribui para o desequilíbrio social e para a dominação econômica.

O caos se instalou nas últimas décadas quando o estímulo governamental de vários países fez com que o ensino de língua inglesa se tornasse um fenômeno mundial. O resultado deste modismo são as implicações sociais, culturais e políticas que vem contribuindo para o desequilíbrio social de países menos desenvolvidos.

O ensino desta língua deveria se preocupar com a promoção de debates sobre as implicações ideológicas de um aprendizado descontextualizado; pois os Estados Unidos possui hoje um arsenal de símbolos cobiçados por todo o mundo. Eles se apresentam politicamente através de um regime político democrático, de uma rica cultura e uma “liberdade invejável” tudo isto faz com que alimentemos a ideologia de uma vida melhor, ou seja, alimentamos o sonho do “American way of Life” – expressão que representa o estilo de vida americano.

Graças as iniciativas publicitárias, a língua norte americana foi adotada em todo o país. A força ideológica implantada por esta língua dá um novo sentido a fisionomia

mundial globalizada. O império Americano se instala gradativa e pacificamente nos cérebros brasileiros seduzindo os corações.

## OS ESTADOS UNIDOS E O INÍCIO DE SEU IMPÉRIO

Eu preciso falar inglês. É uma questão de vida ou morte. Ninguém me acredita, mas eu não estou brincando, não estou mentindo, eu preciso falar inglês: é a pura verdade. Tá certo que eu não tenho como provar que a minha verdade é pura. Nem sei como se mede a pureza da verdade. O problema da verdade é que ela sempre precisa de prova. É por isso que eu preciso falar inglês. Quem fala inglês não precisa de prova. Cadê as provas que Saddam tinha armas químicas ou zarabatanas? ( César Cardoso, 2003)

Mesmo antes da Segunda Guerra Mundial<sup>4</sup>, os Estados Unidos já era o principal país industrializado do mundo. Em 1923 com a aprovação do Congresso Americano entrou em vigor a Doutrina Monroe<sup>5</sup> que divulgava o lema “América para os americanos” mas na realidade só considerava seus próprios interesses.

A relação entre os Estados Unidos e os outros países modificou-se ainda mais durante a guerra pois os Estados Unidos jamais foi atacado (naquele período) e a produção americana pôde se triplicar. Eles possuíam 50% da riqueza mundial e controlavam o oriente e o ocidente.

Os estrategistas norte-americanos concordavam que o domínio americano – que com o pós-guerra ganhou o reconhecimento de primeira potência global da história – tinha de ser mantido através de uma hegemonia global “eterna”.

---

<sup>4</sup> A Segunda Guerra foi um conflito de duas guerras distintas que ocorreram quase que simultaneamente. Uma foi a Alemã (de 1º de setembro de 1939 à 8 de maio de 1945) que visava a Hegemonia na Europa e a Japonesa (7 de dezembro de 1941 à 15 de agosto de 1945) que objetivava o domínio Japonês no Extremo Oriente. ( Ver: <http://www.conhecimentosgerais.com.br/historia-geral/segunda-guerra-mundial.html>)

<sup>5</sup> Doutrina Monroe: doutrina que assumia uma inspiração progressista, em defesa do princípio da autodeterminação e soberania das nações ibero-americanas ao longo dos séculos XIX e XX, tornando-se o principal instrumento ideológico a serviço do intervencionismo e da subordinação da América Latina aos interesses econômicos, políticos e geo-estratégicos dos Estados Unidos.

Esses estrategistas chegaram a considerar nocivo a divulgação de “slogans idealistas” que difundiam direitos humanos (mesmo que sem garantia de trabalho), elevação do padrão de vida (mesmo que a custa da pobreza com humilhação), democratização (afastada da interferência coletiva para privatizar a segurança do bem viver) ou qualquer outra incredulidade que transmitisse a idéia de que o governo tem responsabilidade com o bem-viver de seus cidadãos.

Naquele tempo a estratégia era invadir e abrir caminho para as empresas norte-americanas que preparavam os países para ditaduras brutais e corruptas. Hoje em dia não notamos muitas diferenças nas estratégias americanas visto que sua principal estratégia de Segurança Nacional é recorrer a força sempre que uma ameaça for detectada –não podemos nos esquecer das supostas armas de destruição em massa iraquianas que deram início a uma guerra que terminou com o fim de um governo ditatorial que se opunha ao Estados Unidos.

Concomitante à Segunda Grande Guerra estudiosos americanos desenvolveram planos denominados a “Grande Área”. Esses planos consistiam na reorganização do mundo pós-guerra subordinado à sua economia. Nesta nova estrutura os antigos países de Terceiro Mundo continuavam sendo vistos como fonte de exploração de matéria-prima e de mercado.

Tendo sempre em mente seu papel dominante, os americanos perceberam que a principal ameaça à nova ordem mundial era o “ultranacionalismo” ou os “regimes nacionalistas” que objetivavam o aumento da qualidade de vida das massas e a produção de bens que satisfizessem as necessidades básicas. Fazendo com que diminuíssem suas disputas contra o comunismo, passaram a concentrar seus ataques aos sindicatos, as resistências operárias e aos nacionalistas, negando a independência política a todos aqueles que lutavam por ideais democráticos, antidominantes ou que simplesmente pudessem servir de exemplo para outros países dominados.

Os Estados Unidos utilizavam “slogans idealistas” e apoio às reformas sociais dos países menos desenvolvidos para pacificar essas massas tentando ocultar seus interesses de eliminação dos direitos dos trabalhadores e a ampliação dos investimentos estrangeiros.

Lars Schoultz – especialista em direitos humanos da América Latina – divulgava em seu estudo que “a ajuda norte-americana tende a ser desproporcionalmente distribuída para os governos latino-americanos que torturavam seus cidadãos”. Chomsky utiliza esta citação em seu livro e a complementa afirmando que: “Não tem nada a ver com quanto o país *precisa* de ajuda, somente com sua disposição em servir à riqueza e ao privilégio”.(Chomsky, 1999 p. 37)

Embora os Estados Unidos continue a utilizar a força de seus exércitos para alcançar seus objetivos, há algum tempo ele consegue exercer um grande controle desses países através do FMI<sup>6</sup> que exige cortes nos serviços públicos e a liberação econômica ao controle estrangeiro.

## A NOVA ROMA DO SÉCULO XXI

O neo-imperialismo norte-americano baseia-se na convicção de que o livre comércio, a globalização e a cultura ocidental são elementos de grande valor para todo o mundo – incluindo também o domínio militar e ideológico sobre os países menos desenvolvidos.

Isto ocorre principalmente através da dependência financeira onde as grandes nações são obrigadas a colocar seus acordos comerciais acima de seu desenvolvimento social. O Brasil é um grande exemplo desta dependência e seus dirigentes o inseriram no modelo liberal. Foi enfraquecido economicamente por suas

---

<sup>6</sup> FMI – Fundo Monetário Internacional – assim como o Banco Mundial empresta fundos as nações menos desenvolvidas

dívidas e só recebe “novas ajudas” na medida em que representa alguma fonte de interesse.

Além de sua incontestável supremacia militar, política e econômica, os Estados Unidos exerce uma hegemonia no campo cultural e ideológico, e também, o domínio simbólico mundial. Seu império é reforçado pelo poder da informação e das tecnologias que controlam nosso imaginário através da indústria cultural, povoando nossa imaginação com heróis da mídia, o shopping center, logotipos, estrelas de cinema, canções... A glória consumista é regida pela divulgação de dois princípios: É preciso comprar para ter, é preciso ter para ser. É preciso destruir qualquer tentativa de criação ou manutenção de subjetividades diferenciais (Ramonet, I. 2002), especialmente aquelas desejosas de contribuir com a transformação social.

## A INDÚSTRIA CULTURAL AMERICANA

Numa época de tecnologia avançada, o maior perigo para as idéias, para a cultura e para o espírito pode mais facilmente vir de um inimigo sorridente que de um adversário que inspira o terror e o ódio.

(Aldous Huxley, 1931)

Ⓐ) muito tempo o império americano descobriu que não precisa da força para nos tornar submissos a sua vontade. Através do encantamento, ele penetra em nosso pensamento, conseguindo o consentimento para introduzir idéias para nos subjugar.

A pós-modernidade aflorou com os conceitos de flexibilidade. O indivíduo se tornou mutável mediante as diversas situações que encontra, o governo se adapta as demandas da nova economia e a globalização é eleita como um bem para a humanidade. Tantos conceitos novos nos faz esquecer as antigas teorias de capitalismo, desigualdade, exploração, dominação...

A luta para manter o poder na obsoleta divisão imperialista aparentemente perdeu o sentido no mundo atual. O que não se pode deixar de observar é que os

avanços tecnológicos mudaram o mundo, mas grande parte da população não alcançou os meandros desta mudança. Apesar de grande parte da população planetária estar apta a lidar com as novas tecnologias, ela ainda não foi capaz de alcançar o jogo simbólico da conquista planetária. O neo-imperialismo trabalha com partidários da revolução neoliberal e com produtores culturais.

Apesar de todos os acontecimentos no mundo, a mídia reveste o planeta com a doce ilusão de um mundo neutro onde o que realmente importa é o conceito de que “ter é ser”. A circulação de notícias oculta idéias e conceitos importantes como mercado livre e identidade cultural.

A elite da mídia faz parte de grandes empresas que existem para servir aos interesses de um público rico, privilegiado e poderoso. Apresentando uma realidade tolerável do mundo ela está mais interessada em espelhar conceitos e valores estereotipados.

Os meios de comunicação desparticularizados transformaram-se no senso-comum universal. Eles transformaram o mundo em um grande lugar-comum onde só se propagam informações truncadas, realidades complexas e contestadas, constituindo assim, um modelo de todas as coisas.

O discurso americano gosta de se apresentar ao mundo como o grande modelo universal, por de trás deste conceito ele consegue exportar três pensamentos norte-americanos. Seriam eles: o “grupismo”, que restaura as divisões sociais; o “populismo”, que exerce sua dominação pela celebração da cultura dos dominados e de seu ponto de vista e o “moralismo”, que impossibilita o uso de um pensamento racional sadio na análise do mundo social e econômico. ( Bourdieu e Wacquant, Le Monde Diplomatique 2000)

Ao desconstruir a noção de globalização percebe-se que este nome só serve para encobrir o “ecumenismo cultural” e os efeitos econômicos do imperialismo norte-

americano. A indústria cultural do "Tio Sam"<sup>7</sup> trabalha no âmbito de normatizar esta globalização como uma necessidade natural. Na realidade ela só se preocupa com o fortalecimento dos laços de dependência econômica e com novas práticas e relações sociais conforme o padrão norte-americano.

Esta "nova" fase do capitalismo, serve para justificar a submissão voluntária de países como o Brasil (menos desenvolvidos) aos mercados financeiros. O desemprego, o crescimento das desigualdades e a contradição das políticas sociais são algumas das conseqüências de políticas que refletem a mudança das relações de classe em favor dos proprietários do capital.

Os Estados Unidos impõem ao resto do mundo às suas estruturas sociais, moldando o mundo à sua imagem. Com a colonização mental eles conseguem difundir conceitos que reconstroem o mundo a sua imagem conduzindo a um consenso generalizado, e até espontâneo. Eles fazem parte da construção de políticas públicas e privadas, ao mesmo tempo que são instrumento de avaliação e aniquilação dessas políticas.

Dentro desta rede que dita os paradigmas da pós-modernidade não é possível encontrar um único ato desinteressado. Todo glâmur fantasioso vendido por esta indústria cultural só expira a prepotência de um país que anseia pelo dia em que o mundo em coro aclamará em inglês sua soberania.

Chomsky (1999:123) afirma que: "Esses setores do sistema doutrinário servem para distrair a grande massa e reforçar os valores sociais básicos: a passividade, a submissão às autoridades, as predominantes virtudes da avareza e da ganância pessoal, a falta de consideração com os outros, o medo de inimigos reais e imaginários, etc".

---

<sup>7</sup> Tio Sam: Termo utilizado para caracterizar os Estados Unidos.

Isto seria uma das formas de evitar a ameaça democrática que ocorre através da união de organizações populares que interagem entre si aumentando sua percepção sobre o mundo, observando suas imperfeições e discutindo formas viáveis de transformação social, política, econômica e cultural.

### III - DESVENDANDO A HEGEMONIA AMERICANA NO BRASIL

O neoliberalismo americano e suas mudanças sociais foram se instalando discretamente na sociedade brasileira graças a instituições como a Coca-cola, GAP, Mc Donald, Levi's, Adidas, Nike, entre outras, que fizeram de sua "invasão" uma fonte de preocupação para os estabelecimentos nacionais que para se adaptarem as novas tendências de mercado, e conseguirem concorrer com a rede norte-americana, passaram fazer seus empreendimentos com "ar americano". Em todos os ramos comerciais podemos encontrar produtos, projetos, decorações, propagandas associadas ao "modo americano de viver".

Há muito tempo nossos neocolonizadores deixaram de impor sua superioridade de forma cruel; eles se utilizam de uma camuflagem – seus representantes comerciais, econômicos e culturais – para desrespeitar as potencialidades de nossa cultura, alienando nossa cultura, fazendo com que muitos de nós sintam-se culturalmente inferiores.

A América do Norte se aproveitou de seu "mito americano" – *American way of Life* – para divulgar sua força econômica, política e militar, fazendo da maneira de pensar, falar, vestir, andar, comer e de viver americana um instrumento do domínio cultural e ideológico que faz parte de seu processo hegemônico, em nível internacional.

Gramsci aponta quatro elementos como indicadores da posição de poder dos Estados na arena internacional: 1) extensão do território (o que inclui fatores como a posição geográfica); 2) tamanho da população; 3) força econômica; 4) força militar. Um quinto elemento "[...] 'imponderável' é a posição 'ideológica' que um país ocupa no mundo em cada momento determinado, enquanto considerado representante das forças progressistas da história [...]" a partir da Revolução Americana e, da Segunda Guerra mundial, os Estados Unidos se apresentaram, ao se guindarem à condição hegemônica mundial, como representantes e portadores dos ideais de liberdade política e progresso econômico. (In: Benedetto Fontana, 2003,; 120)

Esta hegemonia significa a supremacia de um país sobre o mundo, indicando também um sistema de alianças onde a nação dominante consegue transformar os interesses particulares em universais. Paulo Freire ratifica esta idéia ao dizer que:

Aqui existe muita manipulação na cultura do cotidiano. Há muitas mensagens e instruções sobre o que se deve fazer, o que se deve comprar, em que se deve acreditar. Aqui a cultura tem também muitíssimos mitos sobre liberdade e felicidade e sobre o resto do mundo, que também se ouvem todos os dias. O *American Way of Life* é um dos grandes mitos, na medida em que esta cultura propõe um Estilo de Vida norte-americano como se fosse o único estilo bom para o mundo... (Freire, 1986, pág. 205)

Esta dominação ideológica é exatamente o que orienta o mundo em seu novo padrão cultural e suas relações de dominação e exploração na esfera econômica. Nesse âmbito, as manifestações do capitalismo se apresentam como espaço de incorporação de valores e práticas sociais que permite sustentar a lógica do capital, fazendo com que as sociedades subjugadas fortaleçam seu senso comum com idéias conformistas, diante das ideologias legitimadas pelos representantes do poder.

A convergência de alianças entre os poderes: econômico – que garante a desigualdade na posse dos bens –, político – que mantém a separação entre os poderosos e os subjugados – e ideológico – que fomenta a crença de que o povo “ignorante” deve deixar as decisões de seu país para seus “sábios” superiores, que reverte os interesses sócios-culturais-econômicos do país para beneficiar um grupo nacional minoritário.

Um exemplo das conseqüências deste poder coator seria o que Paulo Freire (1986) chama de “cultura do silêncio” que entre outras coisas seria originária da violência simbólica (Bourdieu, 1989) do currículo escolar fazendo com que os cidadãos desistam de sua autonomia para aderir a um silêncio característico de pessoas passivas e conformadas.

Na estrutura mundial estes mesmos indícios ocorrem através do fenômeno chamado globalização que, baseado no estado neoliberal, se caracteriza através do

desaparecimento de fronteiras nacionais – possuindo apenas uma sutil demarcação geográfica, sendo apenas diferenciados pelos aspectos culturais. O Estado-Nação abre mão de seu poder político e de suas responsabilidades deixando de promover o bem-estar de seus cidadãos.

Ao se isentar de sua obrigação com a sociedade o Estado permite a institucionalização da hegemonia do poder econômico comandado por países mais desenvolvidos. Países como o Brasil são subjugados, explorados e passam por uma massificação ideológica cuja finalidade é a homogeneização mundial.

Dentro desta perspectiva sócio-político-econômica os aspectos e valores educacionais ficam deturpados visto que o sistema de ensino é utilizado como uma arma para fortalecer o poder coercitivo. O capitalismo se apoderou da cultura e da educação; ambas foram desvinculadas da realidade nacional, submetidas às leis de produção e condicionadas a lucratividade.

Dento dos domínios da educação o ensino de línguas, além de grande fonte de lucros, é considerado como outro instrumento ideológico que países como os Estados Unidos utilizam para explorar e pasteurizar as diferenças de países em desenvolvimento como o Brasil.

Se quisermos entender o processo de aculturação pelo ensino de línguas devemos atentar para as atuais propostas pedagógicas, pois, como disse Gramsci: “Toda relação de “hegemonia” é necessariamente uma relação pedagógica, que se verifica não apenas no interior de uma nação, entre as diversas forças que a compõem, mas em todo campo internacional e mundial, entre conjuntos de civilizações nacionais e continentais” (apud Buttigieg, 2003: 47)

## O BRASIL NA ATUALIDADE: ACULTURADO OU HÍBRIDO?

Toda cultura possui um caráter dinâmico, as mudanças culturais podem ocorrer internamente – dentro de sua própria cultura – ou por intermédio do contato com outras culturas. Devido à natureza de meu estudo estarei tratando apenas desse segundo caso que pode ocorrer de duas formas distintas. Na primeira forma o processo ocorre bruscamente onde uma cultura é subjugada e eliminada (aculturação); em seu lugar o dominador impõe sua própria cultura. Na segunda as mudanças ocorrem por meio da transformação de padrões culturais.

A esta segunda mudança podemos chamar de hibridação que Canclini (2003) define “como processos socioculturais ou práticas discretas, que existiriam de forma separada, se combinam para gerar novas estruturas, objetos e práticas”. Podemos utilizar como exemplo a coexistência entre a linguagem reconhecida como padrão e a linguagem popular.

Atualmente este processo de mudança ocorre mais rapidamente devido, principalmente, ao intercâmbio econômico. Esse fenômeno da globalização apropria-se de elementos de culturas marginalizadas padroniza-as e, devido ao enfraquecimento do Estado Nacional, desvaloriza a cultura nacional para fundir o mundo em uma só cultura; e/ou reutilizá-las com base em paradigmas de culturas hegemônicas.

O Brasil com seu histórico de colonização e exploração foi se constituindo através de diversas culturas. Entretanto isso não significa que todas as culturas foram aceitas. A cultura popular é discriminada e a globalização contribuiu para que a segregação cultural aumentasse e gerasse novas desigualdades.

O popular é nessa história o excluído: aqueles que não têm patrimônio ou não conseguem que ele seja reconhecido e conservado; os artesãos que não chegam a ser artistas, a individualizar-se nem a participar do mercado de bens simbólicos “legítimos”; os espectadores dos meios massivos que ficam de fora das universidades e dos museus, “incapazes” de ler e olhar a alta cultura porque desconhecem a história dos saberes e estilos. (Canclini, 2003, pág. 205)

## A CULTURA BRASILEIRA

A cultura brasileira faz parte de um patrimônio universal que transmite aos seres humanos valores morais e estéticos, ideologias, história, códigos e símbolos, e deve um rico patrimônio baseado na cultura hegemônica do Ocidente que serve de base para muitas gerações.

Esta cultura universal é resultado das antigas classes dominantes, que detinham o controle da sociedade. Uma cultura ornamental, elitista, uniforme e totalmente excludente, pois as culturas de classes menos abastadas são ainda hoje consideradas como típicas da barbárie.

Com a mudança política das últimas décadas, a cultura popular passou a ser divulgada e saiu da clandestinidade. Sua ascensão se deve a modernização da cultura popular que teve que tolerar algumas adaptações para ser reconhecida pelos setores hegemônicos da sociedade.

A cultura excluída também pode permanecer na pós-modernidade porque entre outras coisas:

- Muitos setores de nossa sociedade ainda resistem ao consumo homogeneizador fazendo com que o mercado global seja obrigado a incorporar os bens populares para alcançar o maior número de consumidores possíveis;
- As lideranças dos movimentos populares não aceitam a concentração de suas atividades em bens estáveis não permitindo que a cultura opressora situe os produtos populares em suas relações de produção e consumo;
- A globalização – enquanto um sistema de circulação cultural – municiou o processo de remodelagem das tradições populares;
- Ao entender o popular como práticas sociais esta cultura deixou de ser exclusividade dos oprimidos para fazer parte de diversas classes sociais.

Toda pessoa capaz de ter consciência daquilo que ela é e do que ela faz e, sobretudo, do papel que tem nas relações com o outro, possui uma cultura. Ninguém pode ser excluído do reinado da cultura. Diante destas duas concepções – cultura como patrimônio, cultura como consciência – está o tradicional exercício de duas políticas, duas tentativas de manipulação política. Por um lado, a política cultural da reação consiste em açambarcar a cultura-patrimônio e a cultura-consciência, incorporá-las a um conjunto de verdades estabelecidas e fazer do acesso à cultura uma maneira de se integrar, de estabelecer um processo de comunhão com a ordem estabelecida. Esta política, na melhor das hipóteses, faz da cultura um meio de integração, mas também propicia a sua mutilação, permite o seu controle ditatorial, quando não a sua destruição, a sua falsificação ou a sua mistificação, sobretudo em períodos fascistas. (Montalbán, Le Monde Diplomatique 2004)

## CULTURA, EDUCAÇÃO, DEMOCRACIA

Assim como a educação, a cultura não deve ser imposta ou manipulada. A política da cultura popular deveria primeiramente analisar a cultura universal. Em seguida, fortalecer a consciência crítica dos indivíduos, possibilitar a construção de uma sociabilidade que incentive os laços comunitários, para transformar a sociedade.

O Brasil deve se opor ao legado homogeneizador da cultura global para desenvolver uma cultura fundada na equidade, que respeite de forma democrática as diferenças culturais de todos os cidadãos, sem discriminação, que reduza as desigualdades. Desta forma ele estará caminhando para uma luta contra a alienação imposta pelo poder moral e intelectual das nações que seguem estratégias de coerção do século passado, especificamente a nação norte-americana.

Os cidadãos brasileiros só conseguirão recusar esta cultura pronta, imposta e distribuída pelos meios de comunicação quando a educação assumir, internalizar, passar a trabalhar com o conceito de cultura e vivência democrática, contemplando as diferenças ao invés de se submeter aos imperativos das elites socioeconômicas, que são representantes diretas da cultura cristalizada pelos padrões “euro-americanos”.

Uma cultura democrática hoje, implica no resgate de uma memória coletiva dentro da experiência histórica da democracia política. Mas é preciso reinventar essa democracia dentro do quadro social da realidade brasileira, que é um quadro de heterogeneidade cultural, de diversidade cultural. Então, é preciso que a atitude e o comportamento democrático se estenda organicamente a todo mundo que partilha a vida social. E se estenda de modo a ficar claro que a verdadeira riqueza social, que a verdadeira liberdade de criação social está no reconhecimento da multiplicidade dos pontos da geração de saber, que está na cultura européia dos livros, que está na cultura européia das ciências e das artes, mas que está também na maneira como os excluídos, os subalternos administram o território, lidam com o território, lidam com o dia-a-dia, com o cotidiano. Isso não vem de fontes oficiais, mas é dado como "resto", como "o que sobreviveu". (Sodré, 2002, pág. 21)

Portanto, se quisermos que a escola deixe ser um sistema reprodutor da cultura ornamental temos que desconstruir o conceito de que a posse de um diploma é sinônimo de distinção social. A cultura letrada não deve mais se prestar ao papel de detentora do saber, controlando a vida dos menos letrados dentro da escola, dominando e fazendo discriminações de classe e poder.

Para isso a educação deve ser reformulada. Temos que lutar para que a escola incorpore os saberes populares. Não se pode mais permitir que as classes populares continuem a se formar dentro de modelos alienantes de educação. Esta formação precária cria ilusões nas massas que não percebem que seu conhecimento é só um ornamento que não ajuda na sua atuação como um cidadão pleno e participativo da sociedade.

A educação deve estar comprometida com a sociedade, sua prática educativa deve estar pautada na participação crítica e espontânea dos educandos. O social e o político devem ser debatidos em sala de aula de forma verdadeira, sem manipulação; os cidadãos brasileiros só poderão se comprometer com a transformação social quando se perceberem como seres livres e capazes de participar da democracia de forma consciente.

Para entender melhor a importância das práticas pedagógicas para os interesses homogeneizadores da cultura norte-americana tratarei no próximo capítulo das bases teóricas e filosóficas que norteiam as metodologias do ensino de línguas estrangeiras e suas conseqüências na formação do indivíduo.



## IV - LÍNGUA DO POVO OU PARA O POVO BRASILEIRO?

Há 505 anos atrás em uma terra conhecida atualmente por Brasil existiam habitantes nativos que variavam de 1 a 10 milhões de indivíduos. Também em termos estimativos, os lingüistas têm aceitado que cerca de 1.300 línguas diferentes eram faladas pelas muitas sociedades indígenas então existentes naquele território.

Durante o período que vai de 22 de abril de 1500 aos dias de hoje as populações nativas sofreram o impacto das conquistas européias tendo como uma das conseqüências seu aniquilamento. Daqueles milhões de indígenas, o Brasil acolhe hoje pouco mais de 450 mil cidadãos índios correspondendo apenas a pouco mais de 0,2% da população brasileira.

A língua, história e cultura daqueles povos foram sendo renegadas pelos colonizadores – ato constante na atual sociedade brasileira – fazendo que os nativos perdessem suas tradições e costumes para incorporar compulsoriamente uma cultura dita superior ou mais civilizada.

Apesar de alguns méritos portugueses de nossa colonização, não podemos esquecer dos espanhóis, holandeses, franceses, ingleses, italianos, alemães, japoneses. O Estado brasileiro se constituiu tendo o português como língua oficial mais sua cultura acolheu os cantos, encantos e tristezas de tantas outras culturas. Nesse sentido, não se pode conjecturar que ser brasileiro é falar o português (do Brasil)<sup>8</sup>. Existem muitos outros aspectos ligados à cultura e a historicidade de nosso país que nos define como brasileiros, a língua é apenas um desses aspectos.

---

<sup>8</sup> Embora o português seja a língua oficial no Brasil, deve haver por volta de outras 200 línguas faladas regularmente por segmentos da população. Um exemplo disto são os coreanos, que em determinados contextos falam a língua materna.

A nação brasileira sempre trabalhou com a ideologia da construção de um país monolíngüe e monocultural. A imagem de um país homogêneo facilita a domesticação das mentes e a exclusão do diferente e/ou daquele que não se deixou enquadrar pelos ditames de um patrimônio cultural forjado.

Os séculos passaram, a colonização “acabou”, a democracia está sendo conquistada, porém pouca coisa mudou: o Brasil, cuja “herança” recebida dos colonizadores – a língua padronizada em todo o seu continente – continua demonstrando subserviência aos países que gozam de poder político e econômico. Mesmo sendo considerada como uma sociedade periférica a elite desta sociedade continua disseminando ideologias que fazem dos cidadãos brasileiros massa de manobra para a acumulação de bens.

O povo brasileiro, com uma longa história de escravatura, na atualidade, tanto se preocupa com os altos níveis de desemprego, os baixos salários, os altos preços que é obrigado a pagar para sobreviver com dignidade, à conseqüente queda da qualidade de vida, à violência entre outras graves questões apesar de resistir bravamente, torna esta resistência passiva para continuar em seu caminho, fomentando e equilibrando-se na esperança de conquistar as diferentes formas de liberdade e integração social. (Sem, A. 1999)

O empobrecimento, o apartheid<sup>9</sup> social, as políticas externas entre outros aspectos fazem com que o regime educacional fique deficitário o que facilita a reprodução de ideologias e de culturas homogeneizadoras. A escola acaba contribuindo para uma visão de mundo que tenta se impor como a única verdade.

O mito do código fixo para as comunidades expressarem suas idéias – a padronização da língua como forma de controle social – e o mito do Estado do Bem

---

<sup>9</sup> Apartheid foi um regime de segregação racial onde os colonizadores da África do Sul, de origem inglesa e holandesa, utilizavam a política segregacionista como uma das fórmulas para manterem o domínio sobre a população nativa. O *apartheid* já existia parcialmente na África do Sul, através de uma série de diretrizes legais, antes de sua implantação constitucional pelo Partido Nacional em 1948. Ele entrou em crise a partir de 1985 e suas leis foram abolidas em 1991. A palavra apartheid é uma palavra inglesa e é encontrada no dicionário Aurélio em sua forma original sem tradução para o português.

Estar Social ainda é conservado. A ilusão de que o Estado age a partir das necessidades de seus cidadãos faz com que povo sofra com a precariedade de informações não percebendo as atitudes profundamente antidemocráticas o que dificulta ainda mais o processo de avanço da cidadania plena e de uma ordem social justa e crítica.

Por que não atentar para as bases ideológicas e culturais que formam nossa identidade como cidadãos menos politizados? Permitem que nossa sociedade reforce realidades opressoras conjuradas (no sentido de conspiração), pela visão de domínio dos líderes políticos e opressores que só permitem que a nação tenha acesso ao poder de forma subordinada.

As culturas e ideologias hegemônicas e homogeneizadoras que estruturam nossa sociedade interferem na nossa capacidade de refletir sobre o mundo. Os cidadãos/cidadãs ficam vulneráveis e são forçados a viver de forma dependente. Apesar das riquezas e recursos, ainda hoje, não é enganoso afirmar que muito do que se propaga em nosso país, “é para inglês ver”, a frase que se usa para indicar qualquer coisa que se faz por subterfúgio. A aprendizagem de línguas está também relacionada à manutenção desta estrutura que não reconhece o poder individual de seus cidadãos.

Importa realçar neste estudo, reflexões que contestem o papel da lingüística – principalmente da Lingüística Aplicada(L.A.) – como colaboradora para a “*reprodução das condições materiais que viabilizam a exploração*” (Phillipson e Kangas apud Penycook 1998: 24). Por outro lado, é necessário ressaltar elementos que desfavoreçam a coerção social e ideológica. Ao unir o pedagógico ao político teremos, através da L. A., uma abordagem crítica mais sensível às preocupações sociais, culturais e políticas.

Repensando as bases epistemológicas da Lingüística (que parece preservar forte apoio aos princípios básicos do iluminismo<sup>10</sup>, positivismo<sup>11</sup> e estruturalismo<sup>12</sup>) dispensamos uma visão de linguagem apolítica e a-histórica que aceita o conceito de linguagem padronizada que cerceia o comportamento lingüístico do indivíduo através do sistema educacional e da psicologia política do nacionalismo, visão tal que desenvolve a acomodação do indivíduo ao invés de desenvolver práticas concretas de acesso ao poder, percebendo o mundo através da reflexão sobre os aspectos políticos e culturais, para enfim ajudar em sua transformação.

Sabendo que qualquer estudo está imbricado em um contexto político e histórico, contemplando uma ideologia que reflete conceitos – sobre o que é real, o que é certo, o que é o poder, como o poder deve atuar... – acredito que o atual momento de caos e subserviência mundial seja o contexto histórico ideal para a mudança dos paradigmas atuais e o reconhecimento e acolhimento do paradigma crítico e transformador.

Este paradigma vem sendo desenvolvido no âmbito teórico e prático ao longo das últimas décadas almejando desestruturar ou inibir a desigualdade mundial através de uma postura moral e crítica. Na lingüística este paradigma serve para embasar trabalhos que estudem as implicações políticas de nossa pátria revelando como os produtores da ideologia de dominação utilizam a linguagem para manter ou mudar as relações de poder na sociedade.

---

<sup>10</sup> Iluminismo foi o movimento cultural e intelectual europeu do século XVIII que avaliou com otimismo o poder e as realizações da razão humana, e a crença na possibilidade de reorganizar a sociedade segundo princípios racionais encarando a história de modo crítico, sem aceitar a idéia de que a evolução da humanidade fosse inexoravelmente determinada pelo passado. (Enciclopédia de Filosofia ver: <http://www.encyclopedia.com.br>)

<sup>11</sup> O positivismo é um movimento filosófico ideológico fundado por Auguste Comte século XIX, tem como base teórica os três pontos seguintes: (1) todo conhecimento do mundo material decorre dos dados "positivos" da experiência, e é somente a eles que o investigador deve ater-se; (2) existe um âmbito puramente formal, no qual se relacionam as idéias, que é o da lógica pura e da matemática; e (3) todo conhecimento dito "transcendente" -- metafísica, teologia e especulação acrítica -- que se situa além de qualquer possibilidade de verificação prática, deve ser descartado. A evolução posterior do positivismo passou por diversas etapas e reelaborações, entre as quais cabe destacar o positivismo crítico e o neopositivismo ou positivismo lógico, e exerceu influência notável no desenvolvimento da filosofia analítica em meados do século XX. (Enciclopédia de Filosofia ver: <http://www.encyclopedia.com.br>)

<sup>12</sup> O estruturalismo surgiu no começo do século XX e foi incorporado ao método de diversas disciplinas humanísticas, como a lingüística, crítica literária, antropologia, psicologia e teoria dos sistemas. Esta corrente de pensamento que se caracteriza pela oposição à compartimentação do conhecimento em capítulos heterogêneos. (Enciclopédia de Filosofia ver: <http://www.encyclopedia.com.br>)

A partir da análise do discurso (Orlandi, E. 1999) sobre os paradigmas dominantes de poder e ideologia, a Lingüística Aplicada Crítica pode traçar caminhos para a consciência reflexiva e para a produção de contra-discursos que impeçam que a língua e o ensino dela sejam utilizados para a ampliação da desigualdade social e da subordinação de Estados-Nações.

Tais caminhos devem valorizar o acesso ao poder social de forma igualitária para as diferentes classes de uma sociedade tentando extinguir – ou no mínimo reduzir – as diferenças entre a linguagem do opressor e a linguagem do oprimido.

Dentro do conceito de Lingüística Aplicada Crítica e de seus objetivos estarei analisando no tópico seguinte as metodologias para o ensino da Segunda Língua.

## METODOLOGIAS DE ENSINO DE LÍNGUA ESTRANGEIRA

A expansão do inglês no mundo não é uma mera expansão da língua, mas é também a expansão de um conjunto de discursos que fazem circular idéias de desenvolvimento, democracia, capitalismo, neoliberalismo, modernização.  
(Peterson e Panliarini, p. 10, 2001)

A luz de Foucault (1987), sabemos da dependência intrínseca entre sujeito e discurso. Neste panorama podemos caracterizar dois tipos de sujeito: O primeiro incapaz de transformar o mundo à sua volta, sem controle sobre as mudanças que ele provoca; o segundo consciente de seus atos, com imaginação capaz de enfrentar imprevistos para defender sua liberdade de pensar e agir, sua autonomia, sua auto-estima, sua identidade e, mesmo em tempos implacáveis, transforma o mundo à sua volta.

Os estudos na área de lingüística aplicada possuem a freqüente preocupação de buscar um ensino ideal, não se submetendo a soluções transitórias, que freqüentemente são impostas com a dimensão política da questão. A análise do

discurso de cada uma das abordagens a seguir pretende levantar os regimes de verdade que permeiam os discursos em questão.

O discurso de cada escopo teórico-metodológico ocorre entre a materialidade lingüística e a social referindo-se a um conjunto de enunciados que defendem uma visão política, refletida nas informações discursivas e ideológicas que ajudam a criar referências para o indivíduo dentro de determinada visão de mundo.

Considerando os elementos acima podemos analisar as metodologias mais conhecidas do ensino de língua estrangeira que são:

O método tradicional<sup>13</sup> é centrado na transmissão cultural. A aula ocorre em língua materna, dando ênfase à gramática e a tradução de textos. Ele tem como objetivo principal explicar a estruturação gramatical da língua e acumular conhecimento a respeito dela e de seu vocabulário através das traduções.

O método direto tem sua base progressista<sup>14</sup> e tem como primazia o desenvolvimento individual. Seus seguidores partem da observação da aquisição da língua materna (LM) pela criança para então trabalhar o método indutivo<sup>15</sup>. Eles vêem a língua como um fenômeno oral e escrito da comunicação.

Este método origina o método áudio-oral que se fundamenta no behaviorismo. O método áudio-oral nasce nos EUA durante a 2ª Guerra Mundial devido à urgência em formar pessoas que falassem outras línguas além do inglês. O ensino da língua ocorre

---

<sup>13</sup>O método tradicional é historicamente, a primeira e mais antiga metodologia que servia para ensinar as línguas clássicas como grego e latim. É a concepção de ensino do latim; língua morta, considerado como disciplina mental, necessária à formação do espírito que vai servir de modelo ao ensino das línguas vivas (Germain, 1993). O objetivo desta metodologia que vigorou, exclusiva, até o início do século XX era o de transmitir um conhecimento sobre a língua, permitindo o acesso a textos literários e a um domínio da gramática normativa. - Selma Alas Martins Cestaro (Univ. Fed. Rio Grande do Norte / USP – ver: <http://www.hottopos.com.br/videtur6/selma.htm>)

<sup>14</sup> A pedagogia progressista mostra as vertentes do pensamento liberal na educação, com a valorização da individualidade e do desenvolvimento psíquico da criança.

<sup>15</sup> Método indutivo – o objetivo da indução é atingir os princípios dos fenômenos através da generalização.

por meio de automatismos lingüísticos que procuram desenvolver principalmente as habilidades de falar e ouvir.

A leitura enquanto a compreensão do objeto de conhecimento e forma pela qual a mente humana extrai e produz significado a partir de um texto escrito (Smidt, 1999) foi praticamente ignorada, tendo sido, inclusive, considerada prejudicial à aquisição de uma boa pronúncia quando apresentada ao indivíduo antes que este tivesse adquirido fluência oral. Os adeptos desta metodologia não reconheciam a leitura como fonte de diversas informações sobre a língua estrangeira.

Como desdobramento do método anterior, o método áudio-visual possui a mesma ênfase na língua oral. Ele surge na França como reação à rápida expansão do inglês e prioriza a linguagem cotidiana.

É importante ressaltar que tanto o método áudio-oral quanto o audiovisual baniram o uso da língua materna no intuito de evitar interferências estereotipadas do ponto de vista lingüístico e cultural. Nestes casos o ensino de língua caía no reducionismo de estruturas para se memorizar. A ênfase do ensino-aprendizagem era pautada em diálogos fabricada e baseada em uma escrita oralizada.

Neste panorama pode-se afirmar que esses métodos – assim como as teorias behavioristas - entendem o indivíduo como tabula rasa, desconsiderando todo conhecimento que o sujeito possui, iniciando seu trabalho de forma simples e progressiva de modo a controlar todo processo de ensino-aprendizagem.

Na década de 70 surge um movimento contrário ao behaviorismo. Seu objetivo era ensinar língua aos adultos imigrantes devido a abertura do Mercado Comum Europeu. O método comunicativo abole a visão estruturalista de língua para enfatizar os aspectos semânticos.

A língua passa a ser vista como um instrumento de comunicação ou interação social, o que justifica o desenvolvimento da competência comunicativa do aluno que engloba as quatro habilidades a serem aprimoradas (compreensão oral e escrita e produção oral e escrita.)

Os psicólogos cognitivistas<sup>16</sup> – estudiosos que inspiraram tal método – modificaram a concepção de aprendizagem que passou a ser entendida como um processo ativo que ocorre no interior do indivíduo. O foco educativo desloca-se do ensino para a aprendizagem – com esta postura o professor passa a ser o mediador, facilitador do processo e passa a esperar que o aluno desempenhe o papel de sujeito e agente de seu aprendizado.

A partir destas mudanças podemos perceber a diferença nas atividades que priorizam a comunicação – jogos, dramatizações, resoluções de problemas – e na forma de avaliar. O erro passou a ser considerado uma forma de avaliar; ele seria um estágio provisório da interlíngua que demonstra como os alunos estão elaborando suas hipóteses sobre a nova língua.

Com o tempo a abordagem comunicativa passa a incorporar certos aspectos dos métodos behavioristas, os usos da gramática e das sistematizações por exemplo. Esta abordagem busca sempre a coesão e a homogeneização por possuir uma concepção de sujeito positivista e racional.

Percebe-se então que embora a abordagem comunicativa tenha surgido como reação aos métodos behavioristas ela continua pautando seu discurso em modelos

---

<sup>16</sup> A concepção cognitivista da educação teve grande influência de autores como Jean Piaget e Vygotski Bruner. Na teoria de Piaget, a função da educação é ajudar no processo cognitivo. Cabe ao professor oferecer problemas aos alunos, sem ensinar-lhe soluções. Seu papel, essencialmente, é de um orientador. As fases do desenvolvimento do aluno devem ser respeitadas. Para Vygotsky, o aprendizado é o processo de desenvolvimento interno que só ocorre através da interação do indivíduo com o ambiente social no qual vive (Ver: <http://www.mundocultural.com.br/artigos/4/4/710.shtml>). Bruner destaca em sua obra que o pensamento intuitivo baseia-se na familiaridade, com o domínio do conhecimento do tema e com a sua estrutura, o que possibilita ao pensador raciocinar rápido, saltar seqüências e efetuar pequenos avanços. (Bruner, 1998)

centrados que não aderem a diversidade constitutiva do indivíduo. Apesar da concepção de sujeito cognoscente, dono de seus atos e de seu discurso, capaz de alterar deliberadamente o mundo em que vive – diferenciando-se do sujeito psicologizante das metodologias behavioristas – esta abordagem não é capaz de trabalhar com o sujeito pluralizado do pós-modernismo.

No final da década de 70, surge o Inglês Instrumental que é também conhecido como Inglês para Fins Específicos ou Inglês Técnico. Seu objetivo principal capacitar o indivíduo a ler e compreender o essencial para o desempenho de determinada atividade dentro de sua área de atuação. Atualmente o inglês é também utilizado em cursos preparatórios para concursos públicos, vestibulares, e seleção de mestrado e doutorado.

A metodologia do inglês instrumental tem como premissa o desenvolvimento do aluno a partir de suas necessidades acadêmicas e profissionais dentro de um contexto real. Este tipo de curso é elaborado para que o indivíduo possa desempenhar melhor uma função a partir do uso da língua inglesa. Devido ao aprendizado rápido, o sujeito se sente mais motivado, tornando-se auto-suficiente e sempre na busca de seu desenvolvimento e aperfeiçoamento.

Entre o final dos anos 70 e início dos anos 80 estudiosos brasileiros começaram a entender que o fenômeno lingüístico deve ser analisado por concepções de história, poder, ideologia, política, classe social, consciência crítica e emancipação. No campo do ensino do português a língua é denotada pela posição sócio-econômico-político-cultural de seus falantes. A língua culta passa a ser reconhecida como universal embora o seu domínio seja interpretado como estratégia de luta contra os dominadores.

A pedagogia crítica coincide com o surgimento da teoria/análise do discurso que “se recusa a deslocar o lingüístico das condições sócio-histórico-ideológicas de produção”. (Assis-Peterson e Cox, p.15, 2001). A união da pedagogia crítica com a análise do discurso no ensino de língua materna muda o foco da gramática para o

texto. O texto passou a ser analisado ou escrito visando a produção de significados. O leitor/escritor deve estabelecer com ele uma relação crítica em busca de identidade, autonomia e emancipação.

A análise do discurso anglo-saxônica tinha como objeto a conversação cotidiana e como referência a cultura, procurando subsidiar apenas o ensino comunicativo do inglês. Com isto, os professores de língua estrangeira foram deixados à margem do movimento da pedagogia crítica, sendo considerados acríticos, apolíticos e agentes do imperialismo americano.

Os professores de língua inglesa entravam em conflito pois os adeptos do ensino instrumental desconfiavam que a ênfase na habilidade oral funcionaria como agente integrador a outra cultura. No elenco deste desenho o ensino comunicativo passaria a ser examinado através de seu caráter colonizador e assimilacionista.

No conjunto dos discursos apresentados, o inglês é considerado como uma língua universal, natural, neutra e benéfica. A fala proferida por estas metodologias carrega a idéia da busca de uma neutralidade política-ideológica e cultural não percebendo que:

A expansão do inglês no mundo não é uma mera expansão da língua, mas é também a expansão de um conjunto de discursos que fazem circular idéias de desenvolvimento, democracia, capitalismo, neoliberalismo, modernização (Assis-Peterson e Cox, p.19, 2001),

Pennycook (In: Cox et alii, 2001) desmistifica essa representação apolítica e aculturadora da língua, acreditando que uma pedagogia crítica encoraje os alunos a produzirem contra-discursos, não permitindo que o ensino do inglês fique fadado à exclusão do movimento de conscientização que começou a se instaurar no Brasil, graças aos ideais da educação libertadora de Freire.

A pedagogia crítica do inglês deve promover condições para que os alunos possam escrever (falar, ler e ouvir) contra, almejando a criação e transformações de possibilidades em oposição ao discurso global que, para Pennycook (In: Cox at alii, 2001) "precisa abraçar uma posição contrária às normas lingüísticas e aos construtos discursivos do centro", não se deixando reduzir à matéria de especulação intelectual.

## POR UMA PEDAGOGIA CRÍTICA, LIBERTADORA

A pedagogia Crítica tem Paulo Freire como um de seus progenitores e ela é importante para o ensino de línguas pois evita o fomento de preconceitos com relação a identidade cultural brasileira. Acreditamos nesta pedagogia pois, assim como Freire, rejeitamos a possibilidade de aculturação e vejo o conhecimento de outras culturas como um instrumento importante para o desenvolvimento dos contra-discursos como estratégia de luta contra os dominadores (principalmente norte americano).

Essa nova posição educacional surge em oposição as exigências de uma formação tecnocrática e especializada, as ideologias condicionadoras das superestruturas, ao assistencialismo entre outros mecanismos que anulam a presença, a opinião e as atitudes do indivíduo na sociedade.

O tecnicismo, por exemplo, fez com que as escolas se transformassem em grandes áreas de treinamento, provendo apenas os conhecimentos e as habilidades ocupacionais necessárias para as exigências do mercado de trabalho. Esse tipo de educação não estava preocupada com a justiça social e muito menos com a formação de cidadãos críticos.

A escola era – e ainda é – o ambiente perfeito para a produção e legitimação dos interesses econômicos, políticos e culturais da hegemonia ocidental. As vozes dos estudantes ainda hoje são silenciadas, suas experiências e suas histórias são

ignoradas em prol de um ensino baseado na transmissão e na imposição de conhecimentos.

Diante desta realidade não podemos deixar de pensar a pedagogia como uma forma de política cultural para a ampliação das capacidades humanas. A escola deve ser vista também como um local para a transformação das ideologias de dominação em práticas sociais que fortaleçam a democracia. Reestruturar a pedagogia seria uma forma de fornecer bases para o indivíduo pensar eticamente, através da política da diferença e do fortalecimento do poder, ouvindo as vozes que foram silenciadas anteriormente.

Portanto, a Pedagogia Crítica surge da união entre a pedagogia e a cultura popular devido à necessidade de ocupar o terreno de luta sócio-cultural e oferecer os elementos teóricos necessários para repensar a educação.

Quando recorremos à pedagogia crítica pretendemos demonstrar que é possível compreender a cultura, com posturas político-pedagógicas abertas. Nesse sentido Foucault, põe a questão do seguinte modo:

A educação é (...) o instrumento através do qual todo indivíduo, numa sociedade como a nossa, pode ter acesso a qualquer tipo de discurso. Mas nós bem sabemos que nesta distribuição, naquilo que permite e evita, ela segue as bem-trilhadas linhas de batalha do conflito social. Todo sistema educacional é um meio político de manter ou de modificar a apropriação de discurso, com o conhecimento e poder que ele carrega consigo. (Foucault 1972, p.227)

Não se trata aqui de impor novas ideologias, inculcando preceitos políticos de esquerda ou direita; trata-se de permitir que o indivíduo tenha acesso ao conhecimento e tome suas próprias decisões de forma consciente e responsável. Este novo paradigma pedagógico se posiciona contra a injustiça social, a dominação, a desconstrução do senso crítico e a universalização de uma única identidade (homogeneização dos povos).

Através da problematização e do aprofundamento dos debates a cerca da diversidade, a pedagogia crítica produz o respeito para com a diferença buscando a igualdade social e a reflexão sobre nossas formações enraizadas. Seu objetivo é proporcionar discursos com autoridade e idoneidade, ultrapassando as convenções fixas, autoritárias e preconceituosas das ideologias capitalistas, sexistas, colonialistas, racistas entre outras.

Esse tipo de ação nos permite reconhecer a linguagem como uma produção social, com um corpo ideológico. Voltando para o ensino de línguas podemos inferir a importância do acesso a novas linguagens sem esquecer também que esta aprendizagem possibilita o educando criticar e transformar as práticas culturais e sociais existentes. Com esta reinvenção do acesso a uma nova língua é possível desenvolver no cidadão o desejo da reinvenção de seus conceitos e conseqüentemente do mundo a sua volta.

Aprender uma outra língua não significa marginalizar a sua própria. Uma pedagogia que valorize a resistência cultural rejeita o essencialismo monocultural –

anglocentrismo por exemplo – para trabalhar com uma política de solidariedade/reciprocidade, que desenvolva o indivíduo a partir dos ideais de libertação, democracia e cidadania crítica. Desta forma, acredito que o indivíduo passe a perceber e valorizar sua identidade cultural ao invés de se tornar habitante de um país e cidadão de outro.

A educação baseada em uma pedagogia crítica procura questionar de que forma podemos trabalhar para a reconstrução da imaginação social, em benefício da liberdade humana. Que noções de saber e que formas de aprender são necessárias para tal projeto. Faz-se indispensável uma educação baseada na visão de que a liberdade humana envolve a compreensão da necessidade e a transformação dessa necessidade. Precisamos de uma pedagogia cujos padrões e objetivos a serem alcançados sejam determinados em conformidade com metas de visão crítica e de ampliação das capacidades humanas e possibilidades sociais. Isso significa que o ensinar e o aprender devem estar associados aos objetivos da educação do estudante: compreender por que as coisas são como são e como vieram a se tornar assim; tornar o familiar estranho e o estranho familiar (); correr riscos e lutar contra as relações de poder vigentes, a partir de uma cultura moral que valoriza a vida; assim como visualizar um mundo que "ainda" não está em ordem, para ampliar as possibilidades de melhoria das condições de vida. (Clifford et alli apud Giroux & Simon, 2002, p.99)

## V – CONSIDERAÇÕES SOBRE A LEGISLAÇÃO DOS DIREITOS LINGÜÍSTICOS

...a Declaração Universal dos Direitos Coletivos dos Povos, Barcelona, maio de 1990, proclama] que todos os povos têm direito a expressar e a desenvolver sua cultura, sua língua e suas normas de organização e, para fazê-lo, têm o direito de se munir das próprias estruturas políticas, educativas, de comunicação e de administração pública, em contextos políticos diferentes; (Declaração Universal dos Direitos Lingüísticos, 2003, pág.19-20)

Muitas leis foram criadas, umas com intuito de preservar a cultura nacional, outras para aculturar estrangeiros em seu país, outras para impor a ideologia da superioridade lingüística e outras ainda como o caso do Brasil, servem apenas de enfeite – *“Fingimos que nos preocupamos com a língua e a cultura nacional mas nossas leis nada fazem para preservá-la efetivamente”*<sup>17</sup>.

Em nível de exemplificação, apresento a seguir algumas leis que transitam em alguns países do mundo<sup>18</sup>:

- Na Alemanha – No início do século XIX, inúmeras palavras inglesas foram inseridas na lexicografia alemã. O vocabulário estrangeiro deixou de se restringir aos setores naval e mercantil para se expandir à área social. J.H. Campe<sup>19</sup>, por volta de 1800, propôs substitutos alemães para vários estrangeirismos e, com o decorrer do tempo, estes foram aceitos;
- No Brasil – Existem algumas leis que garantem aos índios o direito de falar e aprender em sua língua materna e alguns projetos de lei que incentivam o uso da língua materna. O projeto de Lei nº 1.676 de 1999, apresentado pelo deputado Aldo Rabelo, por exemplo, apesar de se preocupar com a dominação do povo através da imposição da língua e de toda uma cultura, admite a utilização de palavras e expressões em língua estrangeira, consagradas pelo

<sup>17</sup> Expressão da autora da monografia.

<sup>18</sup> Ver: <http://www.novomilenio.inf.br/idioma/>

<sup>19</sup> J. H. Campe – Teólogo alemão (1746 – 1818)

uso, registradas no Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa, e em locais que decorram de razão social, marca ou patente legalmente constituída;

- No Canadá – Tendo recebido influências francesa e inglesa devido a sua colonização, este país tem dois idiomas oficiais, o francês e o inglês. Exemplo disto é que todos os documentos devem ser apresentados simultaneamente nas duas versões. Apesar da capital Montreal ser totalmente bilíngüe, a língua oficial na Província de Quebec é o francês. Entretanto, Montreal está sujeita às leis lingüísticas de Quebec. Outro aspecto que merece referência é o fato de que elementos de escrita que são expostos em locais públicos devem ser expressos em francês, incluindo sinalização de trânsito e nomes de lojas. Pode-se ainda destacar que há um policiamento representado por uma comissão do governo que percorre as ruas para verificar se os elementos de comunicação estão escritos em francês;
- Na China – Para reagir à invasão de expressões estrangeiras, principalmente japonesas e inglesas, a China decretou no dia 1º/1/2001 que todas as comunicações nesse país devem ser feitas no chinês padrão, inclusive na imprensa, nas emissoras de rádio e televisão, na publicidade e nos livros, enfatizando que o idioma é visto como uma questão de unidade nacional;
- Nos Estados Unidos - Pelo menos 21 estados americanos – Alabama (1990), Alasca (1998), Arizona (1988), Arkansas (1987), Califórnia (1986), Carolina do Norte (1987), Carolina do Sul (1987) Colorado (1988), Florida (1988), Geórgia (1996), Iowa (2002), Ilínois (1969), Indiana (1984), Mississippi (1987), Virgínia (revisado em 1996) entre outros - possuem algum tipo de defesa legal do Inglês contra a introdução do espanhol, chegando a eliminar a educação bilíngüe, excetuando-se o ensino em curso de línguas. Estas medidas de proteção são conhecidas como "English Only". Em contraponto ao English only estados como Novo México, Oregon, Rhode Island, e Washington adotam o projeto English Plus que incentiva a educação bilíngüe, para que imigrantes não percam o

contato com sua língua materna e não sejam discriminados por não terem fluência no inglês;

- Na Grécia – Em 14/01/01, 40 intelectuais gregos assinaram um manifesto assinado, contra o uso crescente de termos de computação em inglês ou baseados nesse idioma. Este manifesto foi distribuído aos principais jornais gregos e utilizava o termo Greeklish para denominar o processo de degradação do idioma grego em função dos processos de globalização e de união européia. Seus defensores acreditam ser um absurdo que seus conterrâneos possam aceitar a alienação de sua escrita pela abolição de alguns elementos e sua substituição por caracteres estrangeiros.

A troca de conhecimentos com outras culturas é algo inevitável. O que não impede que cada Estado-Nação fortaleça política, social e culturalmente seu país evitando a dominação ideológica. Países como Estados Unidos se aproveitam da dissolução do Estado-Nação de países menos desenvolvidos e da falta de autonomia política para impor a sua estrutura político-administrativa e sua língua. Temos como consequência à imposição direta do inglês americano, a distorção do valor da língua e da cultura materna.

Além das políticas de proteção lingüística é crucial citar neste trabalho a importância de uma reflexão acerca da política de ensino de línguas estrangeiras para que as atuais relações nacionais e internacionais de poder deixem de ditar os objetivos da educação nas escolas, ignorando a cidadania e a variedade cultural brasileira. Esta reflexão consiste em destacar a opinião sobre o papel hegemônico da língua inglesa em um mundo globalizado, o seu reconhecimento como uma língua mundial e os perigos da homogeneização cultural trazidos pela globalização.

Na área educacional a realidade mostra o Brasil como um Estado autoritário que aprova suas leis com trocas de favores e sem uma consulta democrática aos intelectuais orgânicos brasileiros. Agrava-se ainda mais estas observações quando

constata-se a utilização de idéias fomentadas por intelectuais populistas que servem contra incursões de grupos de oposição; e atribuem suas decisões ao coletivo.

Para melhor entendimento citamos a seguir algumas leis brasileiras que abordam a questão da língua materna e da língua estrangeira ou segunda língua:

#### NA CONSTITUIÇÃO

- Reconhece a língua portuguesa como idioma oficial e assegura apenas as comunidades indígenas o direito de utilização de suas línguas maternas e processos próprios de aprendizagem (artigos 13 e 210, §2º).

#### NA LEI DE DIRETRIZES E BASES – LDB (Lei nº. 9.394/96)

- Estabelece como obrigatório o ensino de pelo menos uma língua estrangeira incluída na parte diversificada do currículo sendo facultativo no ensino noturno (art.26, § 5º)
- No que se refere ao Ensino Fundamental a LDB explicita que o ensino regular deve ser ministrado em língua portuguesa assegurando a utilização da língua materna para as comunidades indígenas (art.32, §3º);
- Para o ensino médio a LDB garante a aprendizagem de uma língua estrangeira moderna como disciplina obrigatória, e uma segunda, em caráter optativo dentro das possibilidades da instituição.(art.36, III)

#### NOS PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS – PCN

- Os PCNs defendem a inclusão da língua estrangeira no currículo a partir da 5ª série, por considerar importante no desenvolvimento integral do letramento do aluno;

- A ênfase desta disciplina é o engajamento discursivo do aluno enfatizando o conhecimento de mundo do aluno – sua vida em família, na escola, nas atividades de lazer, na sociedade, no país e no mundo – através de diferentes tipos de textos (anedotas, anúncios, pequenos textos, rótulos, canções, pequenas notícias);
- Conteúdos relativos ao conhecimento vocabular e estrutura gramatical: atribuição de significado a diferentes aspectos morfológicos, sintáticos e fonológicos; identificação de conectores que indicam uma relação semântica; identificação do grau de formalidade na escrita e na fala; reconhecimento de diferentes tipos de texto a partir de indicadores de organização textual; compreensão e produção de textos orais com marcas entonacionais e pronúncia que permitam a compreensão do que está sendo dito;
- Estes conteúdos devem estar de acordo com os conteúdos atitudinais que envolvem: a preocupação em ser compreendido e compreender outros, tanto na fala quanto na escrita; a valorização do conhecimento de outras culturas como forma de compreensão do mundo em que vive; o reconhecimento de que as línguas estrangeiras aumentam as possibilidades de compreensão dos valores e interesses de outras culturas; o reconhecimento de que as línguas estrangeiras possibilitam compreender-se melhor; o interesse por apreciar produções escritas e orais em outras línguas;
- Os PCNs não vêem o método como um modelo pronto e definitivo e reconhecem as questões políticas envolvidas na divulgação dos métodos e o imperialismo cultural embutida neles;

- Os métodos foram substituídos por abordagens<sup>20</sup> que estão alicerçadas nos seguintes princípios: sócio-interacional da aprendizagem em sala de aula; cognitivo, em relação a como o conhecimento lingüístico é construído por meio do envolvimento na negociação do significado, como também no que se refere aos pré-conhecimentos (língua materna e outros) que o aluno traz; afetivo, tendo em vista a experiência de vir a se constituir como ser discursivo em uma língua estrangeira; pedagógico, em relação ao fato de que o uso da linguagem é parte central do que o aluno tem de aprender.

### NAS DIRETRIZES CURRICULARES NACIONAIS DO ENSINO MÉDIO

- Este documento apresenta todos os conteúdos curriculares como importantes para a constituição da identidade e o exercício da cidadania;
- Todas as propostas pedagógicas do ensino médio devem objetivar a constituição de competências e habilidades que permitam ao educando “conhecer e usar língua(s) estrangeira (s) como instrumento de acesso a informações e a outras culturas e grupos sociais e será incluída na carga horária da parte diversificada<sup>21</sup> (art.10, e; art. 11, V).

### NOS PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS DO ENSINO MÉDIO – PCNEM

- Apesar de saber a precariedade do ensino público brasileiro os PCNEM não podem conceber um indivíduo que, ao término do ensino médio, seja incapaz de

---

<sup>20</sup> As abordagens aceitam uma variedade de opções pedagógicas, considerando as práticas didáticas que refletem a interação em sala de aula.

<sup>21</sup> Os currículos do ensino fundamental e médio são divididos em uma base comum nacional e uma parte diversificada que estará atenta as características regionais e locais da sociedade, da economia, da cultura e da clientela, correspondendo a 25% do currículo.

fazer uso da língua estrangeira em situações da vida contemporânea, nas quais se exige a aquisição de informações;

- O indivíduo que aprende um novo código lingüístico não se desvincula de sua língua materna, ele apenas se apropria de uma nova língua, dos bens culturais que ela engloba permitindo ao aluno acesso à informação e uma inserção social mais qualificada, da qual poderá beneficiar-se e sobre a qual poderá interferir.
- A língua estrangeira é considerada como uma “ferramenta” a todas as outras disciplinas, pois facilita a articulação entre áreas e oferece múltiplos suportes para várias atividades e projetos;
- A língua é considerada um bem cultural e patrimônio coletivo e no estudo de idioma estrangeiro é fundamental a abordagem de aspectos que envolvem a influência de uma cultura sobre a outra, sendo indispensável que as aulas de língua estrangeira moderna possibilitem o estudo de grupos culturais a partir de seus usos lingüísticos;
- Eles sugerem uma análise da gênese de gírias, empréstimos lingüísticos e variações dialetais, devida a influência das tecnologias de informação e do desenvolvimento tecnológico, pois a hegemonia da língua inglesa, o papel da mídia são fatores que influem sobre a língua no mundo globalizado;
- O professor recebe a sugestão de trabalhar a partir de três frentes metodológicas: a estrutura lingüística; a aquisição de repertório vocabular; a leitura e a interpretação de textos;
- Ao longo dos três anos, no caso do inglês, deve ser distribuída e trabalhada as seguintes estruturas lingüísticas: pronomes pessoais (sujeito e objeto); adjetivos e pronomes possessivos; artigos; preposições; adjetivos, advérbios e suas posições na frase (*word order*); caso genitivo ('s); plurais regulares e irregulares;

substantivos contáveis e incontáveis (*mass and count nouns*); *quantifiers*: *much, many, few, little, a lot of, lots of, a few, a little*; conjunções (*linkers*); falsos cognatos; principais prefixos e sufixos; verbos regulares e irregulares; graus dos adjetivos; pronomes indefinidos e seus compostos; pronomes reflexivos; pronomes relativos; pronomes interrogativos; uso enfático de *do*; orações condicionais; *tag questions*; *additions to remarks*; discurso direto e indireto; verbos seguidos de infinitivo e gerúndio; verbos seguidos de preposição; voz passiva simples e dupla; orações temporais com o verbo *to take*; forma causativa de *have and get, also, too, either, or, neither, nor*; *phrasal verbs*;

- O repertório vocabular deve ser desenvolvido por meio da leitura e da exploração de textos de diversas naturezas, apoiadas em atividades temáticas e de associação de vocábulos que partem de um determinado contexto e remetem a outros;
- Pensando no repertório vocabular o professor de língua deve propiciar a seus alunos atividades que incluam: a busca de palavras no dicionário e a escolha do sentido mais adequado a cada contexto entre as diferentes acepções; a busca, a partir de uma palavra em português, de seu significado mais adequado, em língua estrangeira; o desenvolvimento de técnicas de tradução e versão, partindo de palavras-chave e de palavras-ferramenta (verbos, substantivos, conjunções); os diversos modos de, no dicionário bilíngüe, acessar *phrasal verbs*, expressões idiomáticas, gírias, entre outros; a mobilização da competência de decodificação dos verbetes – abreviações, símbolos fonéticos, palavras de uso específico, distribuição das palavras e expressões por ordem alfabética na descrição das acepções; outras informações culturais ligadas à língua estrangeira que o dicionário pode trazer;
- O PCNEM de língua estrangeira sugere que sejam trabalhados os seguintes temas: dinheiro e compras (moedas internacionais); a casa e o espaço em que vivemos; gostos pessoais (sentimentos, sensações, desejos, preferências e

aptidões); família e amigos; o corpo, roupas e acessórios; problemas da vida cotidiana (tráfego, saúde, tarefas e atividades da vida social); viagens e férias; interesses e uso do tempo livre; lugares (a cidade, a praia, o campo); comida e bebida; trabalho e estudo; o ambiente natural (ecologia e preservação); máquinas, equipamentos, ferramentas e tecnologia; objetos de uso diário; profissões, educação e trabalho; povos (usos e costumes); atividades de lazer; notícias (a mídia em geral); a propaganda; o mundo dos negócios; relacionamentos pessoais e sociais; problemas sociais; artes e entretenimento; problemas mundiais; a informação no mundo moderno; governo e sociedade; política internacional; ciência e tecnologia; saúde, dieta e exercícios físicos. Dentro destes temas é importante que o professor explore todas as oportunidades surgidas em sala de aula para ampliar o desenvolvimento vocabular a partir do conhecimento prévio dos alunos;

- Ao final dos três anos o aluno deve ter experienciado situações que favoreçam o domínio efetivo das funções comunicativas da língua, fazendo com que ele seja capaz de: pedir e fornecer informações; perguntar e relatar preferências; redigir enunciados corretos, empregando adequadamente tempos e formas verbais, além de vocabulário próprio ao que se deseja comunicar; pedir explicações e favores; oferecer e pedir ajuda; desculpar-se, cumprimentar e agradecer; relatar eventos ocorridos; falar sobre hipóteses e planos futuros; resumir textos e fazer traduções simples; fazer sugestões e opinar sobre fatos; recontar histórias e estabelecer diálogos em situações do cotidiano, percebendo a língua como instrumento ativo de compreensão e apreensão da realidade.

Todos os tópicos citados anteriormente são apenas uma pequena seleção de conteúdos existentes nos parâmetros e nas diretrizes curriculares. Embora não tenha sido abordado todos os assuntos pode-se perceber que existe uma omissão quanto ao ensino sobre as propostas educativas estrangeiras, no que se refere a cultura e a aculturação, políticas internacionais, teorias de aprendizagem entre outros aspectos.

Dentre vários contrastes existentes na elaboração destes projetos temos, por exemplo, a substituição do termo método (no PCN de língua estrangeira) para a utilização de abordagens ficando ao critério do professor a melhor forma de transmitir o conteúdo. É importante citar ainda que os Parâmetros do ensino médio mais parecem um guia didático do que um referencial curricular.

Apesar de não encontrarmos em nosso país leis adequadas para a dissolução da cultura ornamental<sup>22</sup> criada por nossos neo-colonizadores, podemos utilizar as brechas encontradas nas leis para a construção de uma vontade coletiva na direção das mudanças estruturais pois somente o sujeito integrado a sociedade pode transformá-la de forma crítica.

Gramsci nos ensina que a mudança somente é possível se houver a agregação das forças: os intelectuais tanto orgânicos (próprios do grupo social específico os professores de línguas) quanto tradicionais (os pesquisadores da linguagem) trabalhando na mesma direção. Somente o somatório das forças pode construir a vontade coletiva necessária para a ação política. No caso do ensino de línguas e literaturas estrangeiras é preciso que os pesquisadores e professores de universidades (pessoas detentoras do poder ideológico), associações de classe através de seus dirigentes e grupos de associados, coordenadores de ensino em nível estadual, municipal e de escolas públicas e privadas e finalmente todos os professores (de onde surgem os intelectuais orgânicos) estejam engajados na busca dos mesmos objetivos. Os teóricos e cientistas políticos fazem disto o primeiro requisito para movimentos sociais serem bem sucedidos. (apud Coutinho em Bohn, 2000, pág.128)

Baseando-nos nestas reflexões podemos afirmar que nenhuma proposta é política e culturalmente neutra. Para desenvolver eticamente uma política de ensino devemos estar aptos a socializar democraticamente a elaboração e o planejamento de leituras críticas e textos políticos para a construção de um discurso significativo e homogêneo. Neste sentido Bohn afirmar que:

---

<sup>22</sup> Ver Coutinho 2000.

Uma política de ensino de línguas será bem sucedida na medida em que:

1. Haja uma boa circulação de informações e de decisões entre os diversos "estratos" (intelectuais) que participam da política de ensino - entre professores e pesquisadores particularmente;
2. Os processos decisórios não forem repressivos e conservadores, mas progressistas e democráticos buscando claramente elevar o nível de participação e a qualidade desta participação entre os membros;
3. Os participantes do grupo se sintam deliberadores e não meros executores de tarefas e normas prescritas pelos intelectuais tradicionais ou pelas instituições. (Bohn, 2000: 129 e 130)

Ao consolidar-se com uma postura crítica uma política do ensino de línguas esta deixará de ser subjugada pelo poder ideológico, político e econômico e os aspectos educacionais e culturais não serão subjugados aos "donos da globalização".

**QUADRO RESUMO - ORIENTAÇÕES**

Mês Setembro

Dia	10	17	24	
Atividade	Revisão do projeto	Análise de bibliografia	Discussão de textos	
Professor	<i>[assinatura]</i>	<i>[assinatura]</i>	<i>[assinatura]</i>	
Aluno	<del>100</del>	<del>100</del>	<del>100</del>	

Mês Outubro

Dia	1	8	15	29
Atividade	Exchamento de livro	Estudo bibliográfico	Exchamento de texto	Elaboração de sumário tentativo
Professor	<i>[assinatura]</i>	<i>[assinatura]</i>	<i>[assinatura]</i>	<i>[assinatura]</i>
Aluno	<del>100</del>	<del>100</del>	<del>100</del>	<del>100</del>

Mês Novembro

Dia	12	19	26	
Atividade	Discussão do 1º capítulo	Revisão do 1º capítulo	Discussão do 2º capítulo	
Professor	<i>[assinatura]</i>	<i>[assinatura]</i>	<i>[assinatura]</i>	
Aluno	<del>100</del>	<del>100</del>	<del>100</del>	

Mês Dezembro

Dia	7	14	21	28
Atividade	Correção do 2º capítulo	Discussão do 3º capítulo	Correção do 3º capítulo	Elaboração de cronograma de Trabalho
Professor	<i>[assinatura]</i>	<i>[assinatura]</i>	<i>[assinatura]</i>	<i>[assinatura]</i>
Aluno	<del>100</del>	<del>100</del>	<del>100</del>	<del>100</del>

## VII – CONCLUSÃO

Ao longo do trabalho tentou-se mostrar a língua como um produto histórico-cultural e as suas transformações dentro de um contexto de poder econômico-político-social, assim como a inexistência de uma política cultural centrada nos interesses de desenvolvimento da sociedade brasileira como um Estado-Nação, que acaba se tornando vulnerável a disseminação de idéias e concepções hegemônicas importadas.

Devemos olhar a língua como fator importante para a formação do ser humano como ser social, pois o desenvolvimento humano se faz por meio do processo de linguagem, e este processo vem acompanhando a evolução do indivíduo e das sociedades.

Concebendo a língua como parte de uma cultura, devemos compreender o contexto social de determinada sociedade, se quisermos compreender suas relações lingüísticas e lexicais e as hibridações decorrentes da interação com outras sociedades.

Para entendermos o contexto social brasileiro não podemos nos esquecer das relações de poder que, sob a ótica neoliberal, adquirem as características de seu dominador para que este continue a perpetuar sua soberania. E como Moita Lopes diz:

Controlar a cultura é controlar o poder, e quem detém a cultura é o imperialista. Transmitir a cultura significa impor a ideologia da classe dominante, que vai é obvio, atender diretamente aos seus próprios interesses. E, neste século, é veículo desta ideologia a máquina da indústria cultural que envolve a tudo e a todos, principalmente pela penetração dos meios de comunicação. Um dos objetivos dessa indústria é conquistar amigos. ( Moita Lopes, 2002: p. 47)

Aqueles que não confraternizam com a homogeneização, não assumindo a cultura norte-americana como universal acabam sofrendo com o aumento das

desigualdades econômicas e sociais, pois embora ela construa a imagem pluralista – característica da globalização – a cultura que emerge não é aquela que se importa com as diferenças individuais da sociedade brasileira.

Para desconstruir o atual paradigma de uma economia global – nós educadores – devemos repensar as políticas lingüísticas e as educacionais de forma que as instituições deixem de refletir as relações econômicas e culturais que influenciam as idéias e as atitudes dos brasileiros. O objetivo do ensino de línguas deve estar relacionado a uma certa postura que não permita diminuir e/ou subjugar a cultura nacional brasileira, fazendo-se necessário favorecer em sala de aula um espaço de reflexão crítico e sem ideologias de dominação.

O professor, por exemplo, deve romper o dogma de que o ensino de línguas lamentavelmente, ainda hoje, envolve unicamente o treinamento e aperfeiçoamento de técnicas e manuais de ensino. O mito do professor de inglês como agente da colonização estadunidense deve ser desmentido através da educação continuada que transforma por meio de uma reflexão crítica e fortalece as práticas do ensino-aprendizagem.

À guisa de conclusão, a educação crítica libertadora deve estar influenciada pelo trabalho de Paulo Freire e deve contemplar algumas suposições comuns:

- a) as pedagogias constituem uma forma de crítica social e cultural;
- b) todo conhecimento é fundamentalmente mediado pelas relações lingüísticas que são, com certeza, social e historicamente constituídas;
- c) os indivíduos relacionam-se sinodoicamente com a sociedade como um todo, através de tradições de mediação (família, amigos, religião, educação formal, cultura popular, etc.);
- d) os fatos sociais nunca podem ser isolados do domínio dos valores, ou removidos das formas de produção e inscrição ideológica;...
- f) a linguagem é fundamental na formação da subjetividade (compreensão consciente e inconsciente)...
- h) a opressão tem muitas caras e concentrar-se em apenas uma às custas das outras ... pode descaracterizar ou ocultar a interconexão entre elas;...
- j) dominação e repressão estão implicadas na contingência radical do desenvolvimento social e em nossas respostas a isso... (Maclaren, 2000, págs. 59 e 60)

Muitas alternativas poderiam ser levantadas para se refletir a cerca de um ensino libertador; porém, preferimos dizer que, em suma, o que pretendemos propor é um ensino de línguas crítico, engajado nas questões sociais, culturais e políticas de nossa sociedade. Desta forma o ensino de inglês poderá se desvincular dos esquemas de manutenção das desigualdades sociais e culturais – do neoliberalismo – e das limitações políticas no que se diz respeito a diversidade e pluralidade, oriundas do pensamento ocidental. (Pennycook, 1998)

Sendo assim, somente o desenvolvimento da crítica transformadora em sala de aula fará com que o indivíduo atente para as formas desiguais de acesso ao poder e as diferenças entre linguagem do opressor e do oprimido, fazendo uso destas para produzir discursos contra-hegemônicos capazes de modificar a sociedade.

## VII - REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

BAUMAN, Zygmunt: ***O Mal-estar da Pós-Modernidade***, Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1998

BERTOLDO, E. S.; CORACINI, M. J. (Orgs.). **O Desejo da Teoria e a Contigência da Prática**: Discursos sobre e na sala de aula. Campinas, SP Mercado de Letras, 2003.

BOURDIEU, Pierre. **Poder Simbólico**. Rio de Janeiro: Berthrand, 1989.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: pluralidade cultural: orientação sexual**. 2ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

\_\_\_\_\_. **PCN**: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: Língua Estrangeira. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL.SEMTEC. **Parâmetros Curriculares Nacionais Ensino Médio**. Brasília: MEC; SEMTEC,2002.

\_\_\_\_\_. **PCNEM**: Linguagens Códigos e suas Tecnologias. Brasília: MEC; SEMTEC, 2002.

BRUNER, J. **Processo da educação**. Portugal: Edições 70, 1998.

CANCLINI, Néstor Garcia. **Culturas Híbridas: Estratégias para entrar e sair da modernidade**. 2 ed. São Paulo: Edusp ,2003.

CARDOSO, C. Eu preciso falar inglês. **Revista Caros Amigos**, São Paulo,n.78, set. 2003.

CHOMSKY, Noam. **O Império Americano: Hegemonia ou sobrevivência**. Rio de Janeiro: Editora Campus, 2004.

CHOMSKY, Noam. **O que o Tio Sam Realmente quer**. 2ed. Brasília: Editora UNB, 1999.

CORACINI, Maria José (Org.). **Interpretação, Autoria e legitimação do Livro Didático**. Campinas, SP: Pontes, 1999.

COUTINHO, N. **Cultura e sociedade no Brasil**. RJ DP&A, 2000.

COUTINHO, C. N.; TEIXEIRA, A. de P. (Orgs.). **Ler Gramsci, entender a realidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

COX, M. I. P.; ASSIS-PETERSON, A. A. de. **O professor de inglês entre a alienação e a emancipação.** Revista Linguagem & Ensino, Pelotas: Educat, v. 4, n. 1, janeiro 2001.

Dossiê Império Americano. **Le Monde Diplomatique** – edição brasileira. Rio de Janeiro, n. 4, maio de 2000. Disponível em: <http://www.diplo.com.Br/>

FOUCAULT, M. **Vigiar e Punir.** Rio de Janeiro: Vozes, 1987.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da Liberdade.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, s/d.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia do Oprimido.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo; SHOR, Ira. **Medo e ousadia – O cotidiano do Professor.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

HALL, Stuart. **A identidade Cultural nas pós modernidade.** 7ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

JAMESON, F. Pós-modernismo - a lógica cultural do capitalismo... São Paulo: Ática, 1996.

\_\_\_\_\_. **Globalização e estratégia política.** In: CEVASCO, Maria Elisa (Org.). A cultura do dinheiro: ensaio sobre a globalização. Petrópolis: Vozes, 2001.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico.** 13ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2000.

MACLAREN, Peter. **Multiculturalismo crítico.** Tradução Bebel Orofino Schaefer. São Paulo, Cortez, 1997.

\_\_\_\_\_. **Multiculturalismo Revolucionário.** RS: Artmed, 1999.

MONTÁLBAN, M. V. A esquerda e a cultura. **Le Monde Diplomatique** – edição brasileira, Rio de Janeiro, n.48, jan. 2004. Disponível em: <http://www.diplo.com.Br/>

OLIVEIRA, Gilvan Muller de. **Declaração Universal dos Direitos Lingüísticos.** São Paulo: Mercado de Letras, 2003

ORLANDI, Eni. **Análise de discurso.** São Paulo: Pontes, 1999.

PENYCOOK, A. A Lingüística Aplicada dos anos 90: em defesa de uma abordagem crítica. In: SIGNORINI, Inês; CAVALCANTI, Marilda C. (Orgs). **Lingüística Aplicada e transdisciplinaridade.**: Questões e perspectivas. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1998.

RAMONET, I. *Guerras do século XX*. Rio de Janeiro: Vozes, 2002.

SEM, A. **Sobre ética e economia**. SP: Cia. das Letras, 1999.

SCHÜTZ, Ricardo. **História da Língua Inglesa. English Made in Brazil**. Disponível em: <http://www.sk.com.br/sk-enhis.html> . Acesso em 30 de nov. de 2004.

TRINDADE, Azoilda e SANTOS Rafael (orgs.). ***Multiculturalismo: as mil e uma faces da escola***. DP&A Editora. Rio de Janeiro, 1999.



UNIRIO

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS

ESCOLA DE EDUCAÇÃO

DEPARTAMENTO DE DIDÁTICA

DISCIPLINA : MONOGRAFIA II

ALUNO(A) : Milena Macos das Neves

TÍTULO DO TRABALHO MONOGRÁFICO : Desvendando a hegemonia do inglês: Uma releitura pela Educação Libertadora

ORIENTADOR : Antonia Pinheiro

FICHA DE AVALIAÇÃO FINAL

Primeiro avaliador :

Professor convidado: Angela Maria Martins

Nota : 10,0 (DEZ)

Considerações:

O trabalho de Milena apresenta uma temática muito significativa, pois disserta sobre as implicações político-ideológicas do ensino de um idioma estrangeiro, no caso, o inglês. O trabalho apresenta uma ótima sistematização de ideias e consistência teórica. Por isso, com-

para a mesma, a nota é (10,0).  
Oull.

Segundo avaliador :

Professor orientador : Antonia Pincano

Nota: 10,0

Considerações:

A aluna pesquisou o tema  
com afinco e conseguiu sistematizar  
suas reflexões, baseadas em proposta  
educativa comprometida com a  
transformação

Antonia Pincano

Terceiro avaliador :

Professor da disciplina Monografia II: Ligia Martha Coimbra da C. Colho

Nota : 10,0

Considerações:

O trabalho atende às exigências formais de um trabalho científico

---

---

---

---

---

---

---

---

**RESULTADO FINAL**

Avaliador 1	Avaliador 2	Avaliador 3	Pontos	Nota final
10,0	10,0	10,0	30,0	10,0

Rio de Janeiro, 23/03/2005

L. Colho